

# MINUTO



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

## CADERNO DE RESUMOS MINUTO II

Dia 02-12-2021

11h-13h

### Sessão A — Escrita de mulheres

#### CONHECIMENTO NARRATIVO COMO ALTERNATIVA EM DISTOPIAS DO SÉCULO XXI ESCRITAS POR MULHERES – Melissa Cristina Silva de Sá

**Resumo:** Em romances como *The Telling*, de Ursula K. Le Guin, *The Midnight Robber*, de Nalo Hopkinson, e *The Year of the Flood*, de Margaret Atwood, o conhecimento narrativo, ou seja, aquele sistematizado a partir de histórias populares, cria espaços democráticos que permitem que uma noção não-excludente de humanidade se desenvolva. As narrativas citadas propõem novos modelos de organização social, em que não há hierarquização, ideia linear de progresso e busca pela verdade única. O conhecimento narrativo se apresenta como contraponto à visão restritiva totalizadora do pensamento científico capitalista e permite que as protagonistas destas obras afirmem a si mesmas, suas culturas e suas comunidades de maneira que uma nova forma de viver seja possível. Longe de serem tratados contra a ciência, essas narrativas distópicas resgatam a importância do diálogo entre as diversas formas de conhecimento para que a humanidade englobe, de fato, todos os humanos e não apenas grupos específicos. Esse movimento em direção à narrativa se mostra como essencial para a sobrevivência da espécie. A partir das considerações de Jean-François Lyotard, Brian Boyd, Ailton Krenak e Sandra Harding, este trabalho discute como esses romances questionam a natureza do conhecimento e propõem formas mais plurais de se encarar o mundo. Nessas distopias de violência e miséria, o conhecimento narrativo é aquele que abre espaço para o horizonte utópico e para a esperança de um futuro melhor. Essa forma de conhecimento se torna então resistência, a única possibilidade de escapar de um mundo desigual e de criar um novo.

**Palavras-chave:** Distopia; Narrativa distópica; Conhecimento narrativo; Literatura escrita por mulheres.

#### REFLEXÕES SOBRE A UTOPIA EM EL PAÍS DE LAS MUJERES, DE GIOCONDA BELLI – Giovanna de Araújo Leite

**Resumo:** Este trabalho reflete sobre a obra *El país de las mujeres*, da autora nicaraguense Gioconda Belli, que constrói uma representação utópica de uma sociedade alicerçada em bases feministas ginocráticas e ao mesmo tempo, provoca uma espécie de autocrítica das bases humanistas, pois estas últimas consideraram a relação entre sexo e o gênero feminino como negativas, presentes em Beauvoir (1967), que defendeu, em *O segundo sexo*, o fato da palavra mulher ou do feminino estarem ligados ao estado atual da educação e dos costumes, sendo negados o potencial biológico feminino dos processos reprodutivos da mulher, como positivos



e afirmativos para a própria emancipação da mulher. Na obra em estudo, há o desejo de que homens e mulheres reconheçam os valores da feminilidade tradicional e essencialista, historicamente tidos como sendo a maternidade e maternagem, o cuidado e o contato, transcendendo-os do espaço doméstico para o espaço público. Neste sentido, a problemática apontada é como o 'risco da essência' discutido pela teórica Fuss (2017) pode contribuir para o entendimento da sociedade de *El país de las mujeres*, entendendo que o espaço público antes dominado pelos homens, agora é dominado pelas mulheres em uma Utopia do Felicismo, de base ginocentrista. O objetivo geral é refletir sobre a utopia desta obra, compreendendo o desejo latente de se (re)pensar e questionar os efeitos do patriarcado e do machismo na América Latina, pois o país de Fâguas é uma espécie de alegoria de países latinoamericanos. A pesquisa é de caráter bibliográfico e crítico literário feminista, com base teórica em Fuss (2017); Bloch (2005); Freire (1997); Cavalcante; Cordiviola (2015); Vergès (2020), entre outros.

**Palavras-Chaves:** Utopia; Decolonialidade; Risco da essência; El país de las mujeres.

### **BREVES REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO CURRÍCULO ESCOLAR: DA PERSPETIVA UTÓPICA À REALIDADE – Hyalle Jayne Silva/Cleusa Salvina Ramos Mauricio Barbosa**

**Resumo:** Ao traçarmos uma breve cartografia, no que concerne à produção literária nacional, e, em particular, à escrita de autoria feminina, percebemos a manutenção de nomes de escritores na grande circulação de obras no mercado editorial. A escassez de títulos escritos por mulheres, também, pode ser observada nas coleções escolares do ensino de literatura. O cânone literário tem sido um espaço onde, majoritariamente, escritores têm suas obras consolidadas, em detrimento da supressão e/ou restrição de nomes de autoras. Essa hegemonia de obras escritas por homens predominante nos currículos escolares, no ensino de literatura, vem influenciando a formação literária dos/as estudantes durante a trajetória acadêmica. Dessa forma, este trabalho procura discutir a relevância da literatura de autoria feminina nos currículos escolares. Pretendemos problematizar a necessidade de incluir neste ambiente, obras de autoria feminina que promovam a representatividade e equidade. Nesse sentido, acreditamos na premência do debate e da reflexão acerca do tema. Os estudos dos grupos considerados como minoria precisam ser expandidos, sobretudo no âmbito educacional. Criar uma visão ampla e crítica sobre a condição da mulher enquanto artista no cenário cultural atual é importante, pois desemboca na consciência social e política dos/as estudantes. Para tanto, utilizaremos o pensamento utópico de Ernst Bloch (2005) como força motriz revolucionária, que luta para destruir as relações dominantes e construir novas no lugar. Recorreremos, também, às teorizações acerca dos Estudos de gênero, de Judith Butler (2013), e aos documentos curriculares para o ensino de literatura, presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Dessa forma, essa discussão inicial busca pensar a práxis do ensino de literatura de maneira e ampliá-la, indo além da divisão de conteúdos atual, embasada em concepções tradicionais, e evidenciado autoras mulheres no currículo escolar.

**Palavras-chave:** Ensino de literatura; Escrita de autoria feminina; Perspectiva utópica.

## **Sessão B — Africanidades**

# MINUT



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

## **SONHO E IDENTIDADE: A UTOPIA COMO GUIA DA NARRATIVA DE A VIDA NO CÉU – ROMANCE PARA JOVENS SONHADORES E OUTROS NEFELIBATAS DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA – Mariana Cavalcante Oliveira/ Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa**

**Resumo:** José Eduardo Agualusa é um dos escritores de maior destaque da literatura angolana contemporânea, sendo a sua obra *A vida no Céu – romance para jovens sonhadores e outros nefelibatas*, publicado em 2013, o objeto de estudo do presente trabalho. Desde o título do romance, infere-se como o sonho é relevante para a construção da narrativa. Dessa forma, e para desenvolver o assunto, destrincha-se, aqui, o sonho em três tipos: o devaneio, o sonho noturno e o sonho diurno. No romance, foi identificado que cada um deles tem sua importância para atribuir à história um aspecto utópico com vistas a uma busca identitária para a qual a tradição oral e as raízes culturais contribuem de modo particular. Nesse contexto, o presente artigo propõe analisar o romance de Agualusa por um viés utópico, tanto a partir da noção de “não-lugar” quanto propriamente de “imaginação utópica”. Assim, apoia-se em Costa (2014) para explicar e tratar do devaneio e do sonho diurno na visão de Bachelard e Bloch, respectivamente; em Carneiro (1999) e em Fialho e Triandópolis (2017), que explicam como Bloch elabora sua teoria sobre o sonho diurno em oposição à percepção freudiana de sonho noturno; e nos ensinamentos de Coelho (1981), fundamentais para tratar da noção de utopia. Ao longo do romance de Agualusa a percepção de utopia manifesta-se como busca identitária em decorrência do desaparecimento da terra pela invasão das águas e a sua possível concretização na “ilha desconhecida”, cuja lenda nutre a imaginação utópica das personagens em prol de um lugar de felicidade, a eutopia, em oposição à distopia que norteia grande parte da narrativa.

**Palavras-chave:** Literatura angolana; José Eduardo Agualusa; Utopia; Identidade.

## **VIVENDO A TENSÃO ENTRE DISTOPIA E UTOPIA: REFLEXÕES SOBRE UM MUNDO PANDÊMICO EM UM GENTIL LADRÃO DE MIA COUTO – Paulo Rogério Stella/Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz**

**Resumo:** Esta comunicação tem como objetivo refletir acerca da produção de sentidos por meio do estudo de objetos que estão presentes no conto *O Gentil Ladrão*, de autoria de Mia Couto. Esse conto foi publicado em 2020 como parte de um conjunto de contos que compõem o *O Projeto Decamerão*, uma iniciativa da publicação estadunidense New York Times Magazine produzidos durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia do Covid-19. O conto foi escrito originalmente em português, traduzido e publicado em inglês. Nosso objeto de análise é o texto em português. Segundo a teoria do ambiente e do horizonte de Bakhtin (2006), os objetos que circundam as personagens constroem o ambiente de circulação delas na obra literária. As personagens, por sua vez, interagem com os objetos produzindo sentidos para elas mesmas. Com base nessa teoria, partimos de duas premissas: 1) há alguns objetos na história que estão em interação com as duas personagens do conto, construindo sentidos para ambas essas personagens; 2) esses sentidos estão permeados por valores distópicos e utópicos, que podem ser revelados no momento do aparecimento e da utilização desses objetos pelas personagens no desenrolar da história. Analisamos três objetos que aparecem nesse conto: uma porta, uma pistola e uma televisão velha. Como resultado de nossa análise, observamos um deslocamento de valores distópicos para uma possibilidade utópica. A porta divide dois mundos distópicos e traz consigo o medo da morte pelo desconhecimento do que pode ser encontrado do outro lado; a pistola desloca o sentido distópico para a insegurança em



relação ao outro na contemporaneidade; por fim, a televisão velha coloca em perspectiva a possibilidade futura de uma humanidade talvez mais humanizada retomando valores utópicos deixados de lado pelas sociedades hiper neoliberais contemporâneas.

**Palavras-Chave:** Objetos; Produção de sentido; Ambiente e horizonte; Valores distópicos; Valores utópicos

### **ANGOLA JANGA: A UTOPIA NEGRA DE PALMARES – José Minervino da Silva Neto**

**Resumo:** O Quilombo dos Palmares é considerado pelos historiadores como o fato social de maior relevância promovido pela população negra escravizada no período colonial brasileiro. Essa saga, cuja narrativa permanece em constante disputa no campo discursivo, é reimaginada nas páginas do romance gráfico *Angola Janga: uma história de Palmares*, de Marcelo D'Saete. Nessa obra, a autoria mobiliza uma reinterpretação dos relatos históricos ao colocá-los da perspectiva dos oprimidos, ou seja, das pessoas negras trazidas como escravas da África. O romance narra a resistência negra em defesa do quilombo contra as investidas do colonizador português. Diante da inviabilidade de cruzar o Atlântico e retornar à terra de origem, sendo jamais a senzala uma opção de lar, os negros rebeldes tiveram como única saída construir nas matas alagoanas uma comunidade negra, livre e avessa à sociedade colonial. Pois, conforme Dirceu Lindoso (2007), Palmares não era apenas uma zona de refúgio na fuga pela floresta, mas um lugar onde os negros pretendiam criar uma nação. O mocambo era, portanto, um território em que se podia desfrutar de liberdade mediante a instauração do poder político e militar quilombola. A obra de D'Saete ocupa-se dos acontecimentos que levaram à derrocada de Palmares, porém, demonstrando a sua sobrevivência na forma de excedente utópico, nos termos de Ernst Bloch (2005). Palmares seria, então, uma utopia negra que transcendeu o tempo e os limites geográficos, tornando-se uma ideia que municia a luta antirracista e a ética da igualdade em meio a atual conjuntura distópica, que constantemente hostiliza a população negra. Nesse sentido, a literatura atua como discurso utópico para o público leitor. Este trabalho pretende discutir a configuração do Quilombo dos Palmares como uma utopia a partir da obra de Marcelo D'Saete.

**Palavras-chave:** *Angola Janga*; Quilombo dos Palmares; Poder quilombola; Utopia negra.

### **O ROMANCE *DOUCEURS DU BERCAIL* (1998), DA ESCRITORA SENEGALESA AMINATA SOW FALL: O ESPAÇO LITERÁRIO NAATANGUÉ COMO LUGAR EUTÓPICO – Ana Claudia Romano Ribeiro/ Gabriela Rodrigues de Oliveira**

**Resumo:** Nesta comunicação, apresentamos Naatangué, uma propriedade rural senegalesa que beneficia muita gente, presente no romance *Douceurs du bercail* (1998), de Aminata Sow Fall. Naatangué é uma palavra em wolof, língua materna de Fall, que, segundo uma nota que o próprio romance traz, abrange as noções de felicidade, abundância e paz (FALL, 1998, p. 197, n. 1). O nome atribuído a esse espaço remete a um lugar ideal, no qual os sentimentos ligados à felicidade se fazem presente. Medindo dez hectares de terra, esse “jardim” (palavra com que sua proprietária o qualifica) pode ser entendido como um lugar utópico. A partir de More (2018), Trousson (1999), Dubois (2009) e Abensour (1993), refletiremos sobre as acepções de utopia, evidenciando sua diversidade semântica que remete tanto a outopia quanto a eutopia.



Em seguida, analisaremos alguns excertos em que Naatangué é descrito, de forma a perceber em que medida esse espaço se relaciona a um lugar eutópico (OYOUROU, 2014).

**Palavras-chave:** *Douceurs du bercail*; Aminata Sow Fall; Utopia; Eutopia; Literatura senegalesa.

## Sessão C — Orwell e Zamiátin

### **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: A DISTOPIA COMO ALEGORIA DOS REGIMES TOTALITÁRIOS – Ana Flavia Gerhards**

O livro *A Revolução dos Bichos*, publicado por George Orwell, em 1945, narra a história dos animais da Granja do Solar (posteriormente chamada de Granja dos Bichos), que, cansados do regime de servidão a que são submetidos pelos humanos, arquitetam uma revolução e assumem o controle da Granja. Ao criar o espaço ficcional da obra, Orwell cria também um universo distópico, visto que, a partir das definições de distopia dadas por Pavloski (2014) e Clayes (2013), podemos compreender que o cenário que deveria ser de liberdade, logo se mostra tão ou mais cruel do que o anterior, uma vez que os porcos passam a controlar os comportamentos dos demais e a manipular discursos para que pareçam estar agindo pelo bem comum. A narrativa de Orwell é genericamente caracterizada como uma alegoria da Revolução Russa e, dessa forma, como uma crítica aos regimes totalitários que foram implementados em diversos países no decorrer do século XX. Isso pode ser afirmado à medida em que compreendemos a alegoria, a partir de autores como Massaud Moises (2004) e Pierre Fontanier (1968), como um discurso que faz alusão a outro, de forma a tornar a compreensão mais acessível. O próprio Orwell, no prefácio da edição ucraniana do livro, confirmou o seu desejo de “denunciar o mito soviético numa história que fosse fácil de compreender por qualquer pessoa” (ORWELL, 2007, p. 145). Assim, é possível, ao analisar a obra, estabelecer paralelos entre eventos que ocorreram durante o período da Revolução de 1917 e a posterior implementação do regime stalinista, como, por exemplo, a criação de uma espécie de “polícia de controle” composta por nove cães, que pode ser vista como uma alegoria para a criação da Tcheka, polícia política criada pelo governo bolchevique. Também é possível identificar alegorias para figuras históricas que fizeram parte da Revolução Russa, como é o caso do cavalo Sansão, que simboliza a classe operária da União Soviética. Dessa forma, tendo em vista acontecimentos da história recente, podemos concluir que a crítica de Orwell aos regimes totalitários permanece atual e profundamente relevante, não apenas nos estudos literários, mas também no cenário sociopolítico.

**Palavras-chave:** *A Revolução dos Bichos*; Literatura utópica; Alegoria; Revolução Russa.

### **MINISTÉRIO DO AMOR: A REPRESENTAÇÃO DA TORTURA NA SOCIEDADE DISTÓPICA DE 1984 – Beatriz Tavares Soares de Miranda**

**Resumo:** Este estudo visa a refletir sobre questões relativas às figurações da tortura representadas no romance distópico *1984* (2009), de George Orwell, em especial na Parte III, em que são retratadas as cruéis cenas nas quais o protagonista Winston Smith é torturado pelo Partido no Ministério do Amor. Nesse percurso, recorro a trechos do romance com o intuito de apontar as formas pelas quais as práticas de tortura são metaforizadas nessa ficção distópica

# MINUT



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

orwelliana. Para subsidiar as análises, exploro conexões entre a obra de Orwell e estudos de Ângela Maria Dias (2005) acerca do tema da crueldade; de Tom Moylan (2016) e Lyman Tower Sargent (1994) sobre literatura e distopia; de Erich Fromm (1961), Ben Pimlott (1989) e Thomas Pynchon (2003) com suas considerações a respeito do universo de *1984* e seus impactos nos momentos históricos em que produziram suas respectivas críticas; de Glauco Mattoso (1984) com definições e caracterizações da tortura; de Roger Paden (1984) a respeito da história da tortura e de correlações com a obra literária orwelliana; e, por fim, de Evanir Pavloski (2014), que faz uma análise minuciosa do romance orwelliano em foco. Ademais, elucido os objetivos por trás dessas cruéis práticas executadas pelo Partido, metaforização da única e soberana forma de governo da distopia, simbolizando um regime autoritário. Por fim, dou ênfase à alarmante contemporaneidade do romance a que o autor nos remete, especialmente no tocante aos diálogos com a nossa sociedade vigente, a exemplo da invasão de privacidade e da vigilância das pessoas por intermédio da tecnologia.

**Palavras-chave:** George Orwell; *1984*; Tortura; Distopia; Contemporaneidade.

## **O DOMÍNIO, O ANIQUILAMENTO E A REVOLUÇÃO NA OBRA *NÓS*, DE IEVGUÊNI ZAMIÁTIN – Emanuele Correa Wrege**

**Resumo:** O Estado totalitário figurado no romance *Nós*, do escritor russo Ievguêni Zamiátin, discute o domínio, a opressão e o terror impostos por um Estado totalitário através de ideologias impostas sobre os indivíduos. Escrito entre 1920 e 1921, a obra é uma forte crítica ao expansionismo ideológico, à dominação por meio do terror, à mecanização do sistema e ao dogmatismo político. A idealização do pensamento lógico-matemático, o poder de vigilância, a propagação do medo mediante a propaganda produzida pelo Estado e a racionalidade desumanizadora (forte elemento que movimenta a narrativa), forçam o indivíduo daquela sociedade a se tornar um autômato, cuja subjetividade é anulada em benefício de doutrinas ideológicas impostas por um líder supremo. Ao analisar a distopia de Zamiátin é possível compreender a dimensão revolucionária que o autor pretende atingir, sendo de suma importância refletir sobre o ato de resistência como estratégia para que o indivíduo reivindique o poder sobre si mesmo e questione a manipulação e o condicionamento o atinge. Ao se apoiar no conceito de entropia, Zamiatin fortalece sua visão a respeito do ato revolucionário, ou seja, somente através da constante transformação do todo que nos rodeia a revolução será possível. Tendo como base os autores Jeremy Bentham; Michel Foucault; Hannah Arendt, Thomas More e artigos relacionados à entropia e o domínio expansionista por meio do medo, é possível compreender com mais profundidade a exortação pela revolução e pela resistência que Ievguêni Zamiátin manifesta em seu romance. O objetivo desta apresentação é analisar os elementos coercitivos existentes na sociedade distópica de *Nós*, frente ao domínio sob o indivíduo e às ideologias de poder impostas em favor de uma sociedade autoritária. A partir dessa discussão, discutiremos também o ideal revolucionário como instrumento de transformação social, tanto no universo ficcional quanto na realidade empírica.

**Palavras-chave:** Revolução; Domínio; Totalitarismo; Distopia; *Nós*.



## Sessão D — Gótico

### **O MEDO EM FRANKENWEENIE: convergências entre o gótico e a distopia – Ringo Star de Holanda Cavalcante**

**Resumo:** O presente estudo explora um dos pontos de convergência entre o gótico e o distópico: a figuração do medo. A observação desta convergência permite-nos analisar as aproximações entre esses dois modos narrativos. Para tal, partimos dos estudos sobre a história do medo conforme a apresentam Jean Delumeau (2009) e Yi-fu Tuan (2005), com foco em duas categorias, o medo individual e coletivo, com base também nas ideias sobre a caracterização do gótico, especificamente via H. P. Lovecraft (1927); e sobre a presença do medo nas origens de espaços distópicos, conforme aponta Gregory Claeys (2017) e Krishan. Kumar (1987). Utilizamos, ainda, trabalhos de estudiosos/as dedicados/as às obras fílmicas de Tim Burton, como Aurélien Ferenczi (2010), Jenny He & Ron Magliozzi (2011) e Antoine De Baecque (2011). Para analisar as aproximações entre as duas categorias, referentes ao plano individual e coletivo, no que concerne à representação do medo, exploramos dois elementos da narrativa: a caracterização das personagens e a construção do espaço. Nessa direção, selecionamos trechos do filme *Frankenweenie* (2012), que reconstrói o mito da biologia de *Frankenstein* (1818), obra que funde a tradição gótica à ciência e suas consequências, para apontar que, na obra de Tim Burton, o cientista maluco, o monstro/pet, o cemitério, o laboratório e o parque são elementos recorrentes na estética do gótico e da distopia, engendrando sentidos diferenciados em sua reconfiguração contemporânea, sobrepostos em uma nova modalidade de narrativa que nos permite propor diferentes chaves de (re)leituras, possibilitando, assim, um olhar crítico e reflexivo tanto sobre as narrativas góticas e distópicas quanto sobre suas respectivas teorizações.

**Palavras-chave:** Gótico; Distopia; Medo; Tim Burton; *Frankenweenie*.

### **ENTRE O GÓTICO E O UTÓPICO: TRANSITANDO ENTRE WUTHERING HEIGHTS E THRUSHCROSS GRANGE, EM *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES* – Diego Paulo da Silva/Cleusa Salvina Ramos Maurício Barbosa**

**Resumo:** Há alguns anos venho discutindo questões relativas ao gótico em obras de autoria feminina e, dentre elas, está a obra prima de Emily Jane Brontë, o romance *O Morro dos Ventos Uivantes* [*Wuthering Heights*], de 1847. Ocorre, porém, que há uma fortuna crítica expressiva dedicando atenção a esses e a outros aspectos dessa obra, sob diferentes enfoques e perspectivas. Nesse sentido, venho discutindo alguns elementos desse romance chamando a atenção para outras possibilidades de leitura em diálogo com aportes teóricos ainda pouco explorados nos estudos brasileiros voltados para essa narrativa: as pesquisas sobre o gótico em interface com os estudos críticos da utopia atravessados pela crítica de gênero. Dessas articulações, surgiram discussões sobre o gótico feminino e a transposição do corpo (SILVA; BARBOSA, 2018a), anjos e fantasmas em Lya Luft e Emily Brontë (SILVA; BARBOSA, 2018b) e o espaço do amor utópico no romance de E. Brontë (SILVA; BARBOSA, 2018c). Ainda sob esse viés, proponho, nesse texto, uma visita à *Wuthering Heights* no tocante às figurações do gótico e à Thrushcross Grange atentando para o caráter utópico de um espaço projetado como lugar melhor para as personagens femininas. Interessa-me, assim, refletir acerca do papel do espaço na condução do destino das personagens, colocando-as na posição de subalterna na ilusória

# MINUT



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

tentativa de moldá-las à imagem da Lady Vitoriana (MELLO, 2013), cuja inocência e a pureza convergem-se em dedicação à família, casa, ao casamento e ao marido. Trata-se de uma discussão teórico-analítica de cunho bibliográfica realizada com base nos estudos de Bachelard (1993 [1954]), Moers (1976), Gilbert; Gubar (1979), Showalter (1994 [1981]), Cavalcanti (1999), Funck (1993) entre outros que investigam as utopias críticas de gênero o espaço sob o olhar gótico/utópico.

**Palavras-chave:** Espaço gótico/utópico; Wuthering Heights; Thrushcross Grange; Personagens femininas.

## Sessão E — Utopismos e ambiguidades

### PELOS CAMINHOS DA FANTASIA E DA UTOPIA: UMA ANÁLISE DE “PAÍS NENHUM”, DE SHAUN TAN – Marcos Paulo Ventura da Silva Lima

**Resumo:** Este trabalho analisa o conto ilustrado “País nenhum”, do autor australiano Shaun Tan. A análise da narrativa é realizada através das categorias da fantasia e da utopia, com o foco recaindo sobre o espaço e o ambiente narrativos, e também sobre a relação entre as linguagens verbal e não-verbal. A metodologia segue uma abordagem bibliográfica, baseada na análise e crítica literária. Em relação à sua fundamentação teórica, o presente estudo conta com as reflexões de Gregory Claeys e Lyman Tower Sargent sobre a utopia; de Rosemary Jackson acerca da fantasia; de Cândida Vilares Gancho a respeito do espaço e do ambiente narrativos; e do próprio Shaun Tan quanto à relação entre as linguagens verbal e não-verbal. Propõe-se, com este trabalho, analisar as dimensões da utopia e da fantasia presentes nesta narrativa, e observar as metáforas relativas ao entrecruzamento entre essas duas categorias; focar nas categorias narrativas do espaço e do ambiente, porque é por meio dessa figuração que os planos da fantasia e da utopia são construídos ficcionalmente; e examinar o modo como o encadeamento entre as linguagens verbal e não-verbal opera no processo de construção da narrativa. O estudo realizado oferece uma contribuição para a área dos estudos literários, mais especificamente em relação a contos, e para os estudos e as reflexões sobre a utopia na contemporaneidade, bem como para ampliar a fortuna crítica sobre a obra de Shaun Tan e aumentar sua visibilidade aqui no Brasil.

**Palavras-chave:** Shaun Tan; Conto ilustrado; Fantasia; Utopia; Espaço e ambiente narrativos.

### UTOPIAS EM CRISE: RECONCILIAÇÃO ENTRE IMAGINAÇÃO E CIÊNCIA – Manuela Salau Brasil

**Resumo:** As utopias são parte estruturante dos movimentos sociais, embora não raro sejam enunciadas mais como slogans do que como possibilidade de transformação. Se isso acontece nestes espaços de lutas emancipatórias, é no meio acadêmico que as utopias, e aqui nos referimos às utopias sociais, sofrem maior resistência e desconfiança. Depois de decretada sua morte, depois da apregoada rivalidade com um tipo dominante de ciência - com vantagem notória para esta última -, depois do descrédito de seu potencial transformador, reivindicamos a centralidade das utopias sociais numa reconciliação entre imaginação e ciência. Por suposto, trata-se de outra visão de utopia e de ciência, e nisso nos amparamos nas contribuições de Ernst Bloch e seus sonhos diurnos, utopias concretas, otimismo militante, do futuro em aberto,



# MINUT



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

da possibilidade do “ainda não”, do princípio esperança, da realidade como uma “categoria sujeita à dúvida e sujeita à transformação”. Assumindo esta perspectiva, dialogamos com outros autores que contribuem com esta discussão, como as utopias reais de Erik Olin Wright, as utopias para realistas de Rutger Bregman e a leitura de Boaventura Sousa Santos e sua sociologia das ausências e emergências. Este movimento de ter na utopia uma aposta de realização, a partir de uma ciência aberta para novas concepções de realidade e possibilidade, tem potencial para reverberar na sociedade e nos movimentos de resistência num país que tem vivido e agudizado crises do presente e de utopias. Da mesma forma, a sociedade em crise pode reivindicar um espaço privilegiado para as utopias, aliando a crítica ao estado atual com proposição de alternativas, impelindo a academia a incorporá-la em suas análises e teorias.

**Palavras chave:** Utopias sociais; Ernst Bloch; Crise; Ciência.

## **O ROMANCE *CLUBE DA LUTA* (1996) COMO UM ESPAÇO UTÓPICO-DISTÓPICO – Joacy Ghizzi Neto**

**Resumo:** O romance *Clube da luta* (1996), de Chuck Palahniuk, tem sido objeto de diversos trabalhos acadêmicos no Brasil. Os recortes teóricos e temáticos que sustentam as leituras são variados, tais como gênero, violência, opressão, etc. A questão da utopia também faz parte das análises sobre o romance/filme, especialmente no que toca a utopia como uma modulação do porvir, já em tensão entre a hospitalidade e a hostilidade. Além disso, é possível investigar no romance o elemento utópico naquilo que o conceito anima de fundamentalmente locativo: a morada. Nesse sentido, a comunicação proposta tem como objetivo investigar em *Clube da luta* a questão da utopia como um problema do lugar-espço. Trata-se de pensar, com Massimo Cacciari, acerca daquilo que o filósofo entende como a necessária busca por um lugar onde se pode permanecer. Na narrativa de Palahniuk, embora o alter ego do narrador o impele a explodir o apartamento de luxo médio onde vive o protagonista, em seguida ambos rumam juntos para uma precária aparente casa alugada. Neste momento, morada e empresa sinistramente se confundem e já estamos diante da fábrica da Companhia de Sabão da rua Paper Street, onde habitam e trabalham alucinadamente os recrutas do clube da luta e do Projeto Desordem e Destruição. É diante desta viragem utópica-distópica - o apartamento era imune ao outro; a casa-fábrica é um organismo vivo que indefere seus habitantes – que a presente comunicação dedica a sua leitura em torno da permanente tensão entre o utópico e o distópico.

**Palavras-chave:** *Clube da luta*; Romance; Utopia; Distopia; Lugar.

## **INAKUNARE GUNJŌ: OXIMOROS E ANTÍTESES EM TOPIAS – Stanley da Cruz Simões**

**Resumo:** Este trabalho planeja explorar as espacialidades e as implicações das adjetivações subjetivas manifestadas na série de livros japoneses conhecida como *Kaidantō*, de Kōno Yutaka, em especial o primeiro romance da série, *Inakunare Gunjō* (2014). Inicialmente o espaço da obra é uma ilha habitada por pessoas que foram “jogadas fora”, isto é, descartadas por alguém da nossa sociedade, formando assim uma população de pessoas com “defeitos” – lá vemos uma professora tímida, um protagonista pessimista, entre outros. Para estudar a fundo esta obra, planejo focar no primeiro romance por causa de sua recente adaptação para as telas, com o título em inglês *Go Away, Aquamarine* (2019), utilizo-me de teorias: 1) de

# MINUT



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

romances detetivescos contemporâneos e suas nuances como o antidetetivesco (MERIVALE e SWEENEY, 1999), uma vez que o romance se trata de um gênero híbrido, classificado popularmente nas terras nipônicas como *seishun mystery*, que evoca tanto elementos do fantástico como do romance policial, conquanto contraditório, haja vista as dicotomias fantasia e mistério, real e ficção; 2) dos estudos da utopia, com Levitas (2011) e Bloch (2005), para observar imbricações utópicas na tentativa de efetivação da criação de uma sociedade melhor, à perspectiva da Bruxa – antagonista e criadora da ilha. Numa análise preliminar, destaco como o ponto de vista atua nas utopias e distopias, fazendo uso do recurso de mudança de narrador na obra, em algum momento, cada personagem narra alguma cena e tenta adjetivar a heroína Manabe Yū de maneira utópica ou distópica, metáfora que se aplica para toda a espacialidade do romance e contribui para a visão de que utopia e distopia tratam-se de termos oximoros, e não contraditórios.

**Palavras-chave:** Literatura japonesa; Utopia e distopia; Detetive/antidetetive.

## Sessão F — Octavia Butler e Margaret Atwood

### UTOPISMO EM *FLEDGLING*, DE OCTAVIA BUTLER – Fernanda Sousa Carvalho

**Resumo:** A escritora afro-americana Octavia Butler é conhecida por apresentar em suas obras personagens e situações que contestam noções socialmente aceitas, principalmente no que diz respeito ao conceito de humano e a diferenças raciais, de gênero e de orientação sexual. As alternativas criadas por Butler geralmente sugerem que a quebra das barreiras entre diferenças pré-estabelecidas – como, por exemplo, entre o humano e o não-humano, o masculino e o feminino – pode levar a soluções mais harmoniosas e efetivas para problemas que assolam a humanidade. É nesse sentido que elementos utópicos podem ser observados nas obras da autora. Com base nas teorias de Lucy Sargisson, Lyman Tower Sargent e Alex Zamalin sobre utopia, utopismo e suas relações com o feminismo e o Afrofuturismo, este trabalho pretende identificar exemplos de utopismos no último romance escrito por Butler, *Fledgling* (2005). Nele, uma protagonista negra híbrida representa a esperança de salvação da espécie vampírica Ina: a melanina de sua parte humana pode solucionar a fotossensibilidade excessiva que torna os Ina mais vulneráveis à luz do dia. Considera-se aqui que a formulação de um futuro em que personagens negras têm um papel essencial, característica básica do Afrofuturismo, já pode ser considerada em si um exemplo de utopismo. Argumenta-se ainda que outro elemento utópico apresentado no romance de Butler é a comunidade intencional formada por famílias Ina e os humanos com os quais vivem em uma relação de simbiose. Embora condições distópicas também possam ser identificadas em *Fledgling*, este trabalho sugere que a forma como Butler cria uma alternativa para sociedades racistas e opressoras é fundamentada principalmente por utopismos.

**Palavras-chave:** Utopismo; Afrofuturismo; Raça; Orientação sexual.

### O CENÁRIO DISTÓPICO EM *SPEECH SOUNDS* DE OCTAVIA BUTLER – Raquel D’Elboux Couto Nunes

# MINUT



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar o conto “Speech Sounds”, de Octavia Butler (2005), traçando considerações a partir da perspectiva da distopia feminista. A narrativa apresenta um cenário distópico, com devastações e destruições na cidade de Los Angeles. Nesse quadro, as pessoas têm dificuldades de exercitar a fala. Assim, a perda ou deficiência da linguagem tem uma importância significativa – num universo quase apocalíptico, o caos se instala. A comunicação é precária entre os/as que sobreviveram a uma certa doença. A falta da voz simboliza a erradicação da volição por uma posição autoritária de controle (GONÇALVES, 2015) e refere-se também à proibição da expressão subjetiva, pois não há acesso ao simbólico. A protagonista Rye caminha pela cidade, triste e com tendências suicidas. Entretanto, percebe-se uma tímida esperança quando ela busca encontrar o caminho para Pasadena, por acreditar que talvez ainda haja parentes vivos/as lá. Segundo Cavalcanti (2003), as distopias feministas, subgênero dos utopianismos, desenham infernos de opressão, discriminação e violência e têm caráter ambíguo. A ambiguidade diz respeito às utopias que se configuram em contraponto às distopias. Essa ambivalência é denominada por Campello (2003) de “dupla hermenêutica”. A construção desses espaços utópicos é configurada na própria distopia. Assim, em contrapartida a uma distopia, emerge uma utopia que, por sua vez, tem como força motora a esperança (PIERCY, 2016). Ao final do conto em tela, Rye conhece a mãe de duas crianças e resolve salvá-las e levá-las para Pasadena. Apesar de a mãe não sobreviver, a salvação das crianças representa uma sororidade entre as mulheres – um “pacto ético” (RICH, 2014), que reforça a esperança e estimula a solidariedade e o desejo de mútua proteção. Além das referências citadas aqui, este trabalho também se embasa em Chauí (2008), Moylan (2014), Cavalcanti e Cordiviola (2015), Funck (2016), entre outros textos.

**Palavras-chave:** Distopia; Feminismo; Utopia; Sororidade.

## “SOB O OLHO DELE”: O PANÓPTICO EM O CONTO DA AIA – Yohana Gonçalves Bonfim

**Resumo:** *O Conto da Aia* (1985), narrativa distópica escrita por Margaret Atwood figura um governo totalitário conhecido como República de Gilead. À população, e, principalmente, às mulheres inseridas neste espaço, são designados diferentes papéis sociais, portanto, cada indivíduo desempenha funções distintas nesse meio. Tal hierarquia é fundamental para a manutenção do sistema, pois cada casta exerce seu poder sobre outra. À título de exemplo, as Tias são responsáveis pelo condicionamento comportamental imposto às Aias. Ainda nessa dinâmica de poder, as Aias não têm uma convivência pacífica com as Marthas e as Esposas. No que tange ao cerceamento de suas individualidades, determinados mecanismos de controle podem ser percebidos, por exemplo, no código de vestuário das Aias, cuja cor vermelha permite com que sejam rapidamente vistas e cujo chapéu impossibilita uma visão panorâmica do meio. Além disso, elas devem estar sempre acompanhadas de outra Aia ao saírem da residência de seus Comandantes para ações cotidianas como ir ao mercado. Assim, é possível percebermos que o universo distópico figurado em *O Conto da Aia* contém muitas das características descritas por Jeremy Bentham em sua estrutura arquitetônica denominada como Panóptico. Dentre elas, podemos citar a constante vigilância e a horizontalidade do poder, que, como citado anteriormente, pode ter na distribuição de papéis sociais seu principal agente. Tal conceito foi mais profundamente analisado pelo filósofo e teórico social Michel Foucault em obra intitulada *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, publicada em 1975. Diante do exposto, a presente comunicação tem por objetivo realizar uma análise da obra de Atwood à



luz das considerações de Foucault a respeito do Panóptico de Bentham. Por meio dessa análise, apontaremos os elementos pelos quais as personagens Offred e Tia Lydia são constantemente vigiadas, e, portanto, tem sua individualidade controlada, bem como, os modos pelos quais também exercem tal poder dentro da sociedade distópica figurada na obra.

**Palavras-Chave:** Panóptico; Atwood; Foucault.

## Sessão G — Distopias, heterotopias e periferia

### ***O DOADOR DE MEMÓRIAS: DO PAPEL À TELA E DA HARMONIA AO PESADELO* – Lea Persicano**

**Resumo:** Motivada pela perspectiva do diálogo acerca da adaptação e de ideais utópicos/distópicos, o objetivo desta comunicação é refletir sobre a relação intermediática entre o livro (2014/1994) e o filme (2014), homônimos, *O doador de memórias* (*The giver*), respectivamente um romance da autora norte-americana Lois Lowry e um longa-metragem produzido por Jeff Bridges e dirigido por Phillip Noice. Durante as narrativas, acompanhamos o drama de um adolescente/jovem, Jonas, da véspera de sua Cerimônia de Doze (formatura), passando pelo aprendizado de seu treinamento, até uma circunstância de desestabilização da sua subjetividade e da ordem social vigente, momento em que ocorre a ruptura do ideal utópico nas obras sobretudo para esse protagonista e ele começa a viver um pesadelo distópico. A função social a ser exercida pelo Doador-aprendiz, em processo de transmissão pelo Ancião responsável, ao contrário da atribuição dos demais, envolve muita dor devido ao contato com memórias sociais subtraídas do restante da comunidade. Trata-se de uma mini cidade futurística cuja organização espacial visa ao controle absoluto, um suposto bem-estar coletivo e decisões tomadas por um grupo seletivo auto eleito. Enquanto espectadora, tive acesso primeiro ao filme e a partir dele busquei o texto literário, o que vai ao encontro do que afirma Matangrano e Tavares (2019) sobre “a febre das distopias”, no século XXI, direcionadas principalmente para o público jovem. Muitas delas desenvolvem-se como séries literárias e cinematográficas, possuem temáticas pós-apocalípticas, com espaços e pessoas arruinados (SILVA, 2019; ROBERTS, 2018), além de possuírem lastros em utopias e distopias já consagradas no mercado editorial, junto ao público leitor e à crítica literária. Detendo-me na análise de *O doador de memórias*, confirma-se aspectos de uma sociedade melhorada ameaçada por elementos distópicos (CLAYES, 2013, 2016), percebidos na árvore do conhecimento, astutamente vigiada pela ardilosa serpente.

**Palavras-chave:** *O doador de memórias*; Adaptação; Livro; Filme; Utopia/distopia.

### **A DISTOPIA INDIVIDUAL DE *NÃO ME ABANDONE JAMAIS* DE KAZUO ISHIGURO – Fernanda Freire Coutinho**

**Resumo:** É comum associar ficção científica a narrativas que descrevem o futuro e que, entre definições possíveis, é para Isaac Asimov (1976) a apresentação de inovações tecnológicas e as suas consequências para a raça humana. Se a literatura pode interpretar e representar a realidade histórica, como já havia postulado Auerbach (1946), e ajudar a organizar nossa relação com o mundo enquanto instrumento de expressão da sociedade, como colocado por

# MINUT



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

Antonio Candido (2010), é possível dizer que parte da função da ficção científica, enquanto obra literária, é captar as possibilidades e problemas que nos reserva o amanhã. E se normalmente o ser humano aparece ali ora como protagonista de tais avanços ora sofrendo suas consequências, parece ser menos comum tratar da sua individualidade. Porém, é justamente essa a inovação do romance *Não me abandone jamais* de Kazuo Ishiguro, construído sobre a memória pessoal e causando, com isso, a confusão da crítica sobre como classificá-lo (John Mullan, 2009). Ainda que não pareça haver consenso, esta análise se propõe partir do princípio de que se trata de uma obra de ficção científica, pois desenha um mundo utópico onde humanos driblam a morte devido aos avanços da ciência, mesmo que a narrativa se construa a partir do ponto de vista de um dos clones criados apenas com a função de servir, colocando em xeque a definição de humanidade. A existência da obra parece ser possível em parte porque, em um cenário em que muitos dos avanços tecnológicos sonhados adentram cada vez mais o presente, já não basta sonhar com o futuro, mas se aproxima a hora de refletirmos sobre como lidar com ele. E, na possível individualidade que se tenta negar aos clones, a obra nos impõe questões éticas que, se por um instante temos o alento de achar que elas residem só na ficção ou em um futuro (que pode parecer) ainda distante, apenas refletem como a nossa realidade é captada pelo autor, o que nos obriga a ver a escrita como espelho da nossa sociedade e a enfrentar o nosso mundo real a partir de uma narrativa tão distópica como a do romance.

**Palavras-chave:** Kazuo Ishiguro; Ficção científica; Distopia; Literatura inglesa.

## LITERATURA PERIFÉRICA E CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DE “O SOL NA CABEÇA”, DE GEOVANI MARTINS – Silvia Afonso de Sousa/ Marcus Vinicius Matias

**Resumo:** A literatura nacional é marcada pela realidade social e linguística do povo brasileiro, na qual a violência e as problemáticas relacionadas a ausência do Estado, além de fazerem parte do cotidiano do cidadão brasileiro comum, são tópicos muito presentes e essenciais às narrativas de escritores nacionais. Geovani Martins, em seu primeiro livro de contos, projeta a voz da periferia do Rio de Janeiro, com base em suas próprias experiências e vivências. De forma a contribuir com as discussões acerca da literatura contemporânea produzida no Brasil, em específico com as futuras buscas que traduzam o momento literário das últimas décadas, o propósito desta pesquisa foi apontar algumas características da literatura brasileira contemporânea, a partir da análise de “O Sol na Cabeça” (2018). Para isto, a pesquisa foi fundamentada nos principais teóricos que tratam da literatura contemporânea, como Schøllhammer (2009), Agamben (2009), Resende (2017), Perrone-Moisés (2016) e Eagleton (2006); e desenvolvida sob a perspectiva do novo realismo, de acordo com Lima (2018/2009), Pita (2012), Eagleton (2006) e Schøllhammer (2009). Buscou-se também situar a obra dentro do movimento da literatura marginal e periférica, em concordância com Férrez (2001), Nascimento (2006) e Oliveira; Pellizaro (2013). Além disso, relacionou-se a temática dos contos à estética violenta e brutalista, segundo Leenhardt (1990), Schøllhammer (2000), Gomes (2012) e Rondelli (2000). Ao fim, foi possível delinear características importantes referentes à literatura contemporânea produzida atualmente no país e entender como se dá a aproximação entre o novo realismo e a realidade urbana periférica brasileira, que por sua vez está entrelaçada à violência e ao brutalismo.



**Palavras-chave:** Literatura brasileira contemporânea; Geovani Martins; Novo realismo; Literatura periférica; Brutalismo.

## Sessão H — Utopismos e corporalidade

### **ENTRE ESPECTROS HUMANOS E REPRESENTAÇÕES PÓS-APOCALÍPTICAS: ESPAÇOS DISTÓPICOS NO ROMANCE CORPOS SECOS – Vitor Emmanuell Pinheiro da Silva**

**Resumo:** Este trabalho apresenta como propósito analisar os espaços distópicos no romance *Corpos secos*, de Luisa Geisler, Marcelo Ferroni, Natalia Borges Polesso e Samir Machado de Machado (2020). *Corpos secos* conta a história de um universo semelhante ao nosso: o uso indevido de agrotóxicos gerou uma infecção que resultou em um isolamento social ineficaz e, conseqüentemente, um mundo pós-apocalíptico. Para a construção da distopia, o romance resgata o folclore brasileiro em sua essência, apresentando a lenda do corpo seco como um primo distante do já conhecido zumbi estrangeiro, além de elementos que lembram distopias de Scott Westerfeld e séries de televisão, como *The Walking Dead* (AMC) e *Z Nation* (Syfy). Voltando um pouco no tempo, o lançamento de CS também marcou o início da pandemia da COVID-19, que modificou completamente as formas de interação e mobilizou o mundo rumo ao isolamento social. Por representar a vida cotidiana, a Literatura Brasileira Contemporânea participa de um processo de legitimação de identidades, por meio de obras que conseguem florescer mesmo em tempos extremos. A fundamentação teórica é dividida em duas partes: a) distopia, com Moylan (2016), Cordiviola & Cavalcanti (orgs., 2015), Deplagne & Cavalcanti (orgs., 2019), Causo (2003) e Whyte (2018); e b) romance e literatura brasileira contemporânea, com Melo (2010) e Schøllhammer (2009). Finalista do Prêmio Jabuti, *Corpos secos* representa um marco para a literatura brasileira, especialmente no que diz respeito às obras que compõem a distopia nacional, em busca da saída da categoria “romance de entretenimento” para “romance literário” – verdadeiro espaço dos espectros humanos e suas representações.

**Palavras-chave:** Romance contemporâneo; Distopia; Corpos secos.

### **CORPOS UTÓPICOS E DISTÓPICOS: O PÓS-HUMANO E O TRANSUMANO EM WESTWORLD – Jardson Ferreira da Silva**

**Resumo:** A série televisiva norte-americana *Westworld*, baseada em filme homônimo de 1973 e 1976, produzida desde 2016, com três temporadas que somam 28 episódios, com exibição pelo canal HBO no Brasil, é o objeto deste estudo. Mediante a percepção de que a cultura pop vem se apropriando de elementos distópicos de forma mais substancial desde o século XX aos dias atuais, analiso tais elementos narrativos presentes na série, que retrata um parque habitado por ciborgues e explorado por humanos, no qual eclode um movimento subversivo anti-humano. Para a observação dos traços distópicos presentes na série, utilizo, como referencial teórico, estudiosos/as contemporâneos/as, como Tom Moylan (2016), em *Distopia – fragmentos de um céu límpido*. Em referência à metáfora ciborgue, recorro à Donna J. Haraway (1991), com seu clássico ensaio “Manifesto ciborgue” (1985). Moylan teoriza sobre os registros icônicos e discretos que entram em jogo na construção da narrativa distópica; já Haraway,

# MINUT



VII Colóquio Literatura & Utopia  
Horizontes utópicos, resistências e insurgências  
01 a 04 de dezembro de 2021

debate questões relativas à desestabilização das fronteiras entre o humano e a máquina por meio da metáfora do ciborgue. A ênfase recai sobre as aproximações entre a série e teorizações contemporâneas sobre construções culturais associadas aos corpos pós-humanos e transumanos (WOLFE, 2009; BRAIDOTTI, 2013; e SANTAELLA, 2007); e também ao corpo enquanto locus da utopia (FOULCAULT, 2013), especialmente no tocante às representações de gênero e queer (BUTLER, 1991; MUÑOZ, 2009; JONES, 2013). De modo geral, a série suscita questionamentos sobre as tênues linhas divisórias entre o humano e o não-humano, oferecendo subsídios também para um olhar crítico sobre as marcações de gênero e queer nela contidas. Ao aproximar as categorias teóricas e críticas acima mencionadas à série *Westworld*, o presente estudo contribui para o campo dos estudos culturais, com a expansão da fortuna crítica da série em foco, e para área dos estudos críticos da utopia, ao seus modos de leitura, principalmente no tocante à reutilização da noção de distopia crítica em diálogo com a série, foco principal deste trabalho.

**Palavras-chave:** Distopia crítica; Westworld; Corpo ciborgue; Pós-humano; Transumano.

## CUTOPIAS OU SONHANDO PELO CU – OUTRAS FORMAS DE IMAGINAR O FUTURO – João Victor da Silva

**Resumo:** Apresento, aqui, algumas utopias sonhadas pelo cu – o que decidi chamar de cutopias. Se, como afirma Michel Foucault (2013, p. 11), “para que eu seja utopia, basta que eu seja um corpo”, todas/es/os que têm um corpo – e, conseqüentemente, têm/tiveram um cu – podem sonhar. Mas nem todo mundo pode sonhar pelo cu. Recorro a Javier Sáez e Sejo Carrascosa (2016), em suas “políticas anais”, para explicar: “O cu parece muito democrático, todo o mundo tem um. Mas veremos que nem todo mundo pode fazer o que quer com o seu cu” (p. 22). Sonha pelo cu quem, a despeito de poder ou não, faz o que quer com o seu cu; quem desprivatiza o cu; quem toma no cu; quem entende que o cu é um espaço político; quem conhece as graças e as desgraças do olho do cu (QUEVEDO, 2014). Reconhecendo a potência epistêmica do cu do mundo (ou das epistemologias do Sul), proponho nesta comunicação: 1) uma via(da)gem antropofágica pelos caminhos estratégicos da teoria cu (PELÚCIO, 2016); 2) uma escuta atenta e afetiva às vozes do cu (MOMBAÇA, 2015); e 3) um breve passeio pelo cu da artista multimídia Linn da Quebrada. Se adentrarmos juntas esses espaços, esses cus-monstruosos-cheios-de-sonhos (para além de outros excessos), vislumbraremos um outro mundo e encontraremos outras formas (mais justas, criativas e prolíficas) de imaginar o futuro.

**Palavras-chave:** Cu; Teoria cu; Linn da Quebrada; Utopia.